

## ASCENSÃO E QUEDA



# *Ascensão e queda*

*Josefine Klougart*

*Tradução direta do dinamarquês  
de Luciano Dutra*



**sagarana**®

*So much depends  
upon  
a red wheel  
barrow  
glazed with rain  
water  
beside the white  
chickens.<sup>1</sup>*

William Carlos Williams, 1923



*NAQUELE OUTONO EU GANHARA UM CAVALO.* Era uma égua, uma baia palha; ela tinha um filete preto que parecia uma risca fina de carvão que corria de algum ponto na frente, de alguma parte no limiar da frente, seguia de fora a fora pela crina, cuja cor mais escura parecia ramificar-se em centenas de cursos d'água menores ao crescer nos pelos compridos e bastos daquela crina; os pelos, que o tempo todo emaranhavam-se em pesadas maçarocas, eram cordas que caíam cada qual de seu flanco. Corria de fora a fora pelo dorso dela, como gotas num vidro, uma linha ao longo do animal da mesma forma que o horizonte é uma linha ao longo da paisagem, ou como uma linha curvada sob o bojo de uma nuvem baixa acima da charneca, uma divisão feita com o cabo de um pente de ossos nos pelos desbotados pelo sol — uma linha que ia em todo caso até o rabo escuro, tão longo que chegava até o chão. Pelos castanhos, pretos e alguns poucos brancos entremeados como que reunidos a partir de vários pincéis que deixamos secando no chão sobre jornais velhos com os quais forramos os caixilhos das janelas; os pincéis que vejo na ponte do estaleiro de barcos de madeira, mergulhados no óleo, no verniz, na tinta naval, rígidos como agulhas; atrás deles, a cerca viva de mãos suadas em luvas de plástico. Naquele outono, já fazia tempos que ela se chamava Molly. Ela já existia antes, com seus cascos e uma quentura suave sob a crina; haveria uma espuma branca ali, na parte frontal do peito e nas dobras entre as patas dianteiras. Assim ela sai do reboque pela rampa com os flan-

cos bombeando, as narinas infladas, correndo os últimos metros abaixo até o cascalho em frente à nossa casa. Os meus pais me observam atentamente, como quando a minha mãe observa um cogumelo que encontramos no campo em outubro, arranca-o pela raiz, o limpamos com uma faquinha francesa que tem uma escova macia na ponta, o viramos para descobrir se possui lamelas, se é venenoso. Eles veem o cavalo como uma sombra nos meus olhos, despejados depois da tempestade, e estão tão atentos a mim que simplesmente nem *a* enxergam; a forma como ela claudica como um cabrito, um cervo ferido saindo do reboque, os olhos revirando de uma maneira que deixa o branco dos olhos à mostra, um lençol sacudido pela janela. Assustada com todas aquelas novidades; o que resta ver pela primeira vez, o trator Pony Massey Harris do Helge, a porteira de alumínio do estábulo e seu rangido cortante, o velho vagão de trem com baias, o desenho na parede e a frase escrita com pincel atômico, *Je suis un passager clandestin, je viens de Marseille, capture moi!*<sup>2</sup>

É desses olhos que fico com medo; a lua cheia, branca, no balde d'água na escada dos fundos que não se pode despejar, mas que se acumula nos azulejos, lagos que congelam pela manhã; o lago de Agri,<sup>3</sup> a respiração da minha irmã mais velha que se acumulam feito pérolas de gelo no cachecol de lã verde.

Continuo tendo medo, da mesma forma que a Molly continua sendo assim. Cavalgo-a na direção da encosta, e ela pisa insolitamente cautelosa, coloca alternadamente a pata dianteira à frente da esquerda e a esquerda à frente da direita, trançando dessa forma o ar à sua frente, na direção de Bogens<sup>4</sup> lá embaixo, até a estrada escavada à esquerda de Tinghulen,<sup>5</sup> depois até a estrada de saibro que começa em Toggerbo<sup>6</sup> passando por Piersen i Hullet.<sup>7</sup> Assim ela se lança abaixo numa sequência de estirões cadenciados, os olhos concentrados adiante, o que vem agora, o que vem agora; uma onda desajeitada rolando numa cisterna

pequena demais; o couro da sela cede, os estribos gemem e roçam contra as caneleiras, eu me inclino para trás; não consigo nem respirar com medo de que ela tropece e caia, de que ela quebre uma pata e caia em cima de mim, pesada como um baú em cima da cama.

Lagos repousam no peitoril das janelas, secamos as roupas dentro de casa, penduradas nos varais sob o teto; chove. A minha mãe abre uma janela, um pedaço de madeira no pinázio mais baixo, as borrachas de vedação nos caixilhos das janelas se soltam com um estertor indolente como que ao redor de gengivas sem dentes em boca de velho. Faz um frio úmido na área de serviço, frio na sala, ele adentra por todos os caixilhos e pelos rodapés; os carpinteiros fazem corpo mole com o isolamento, nos enrolam, então a casa perde calor, a minha mãe faz café para eles, mais café; a reforma dura quase meio ano, a minha irmã mais nova dá seus primeiros passos, e os carpinteiros acenam positivamente com a cabeça e sorriem com seus dentes mal cuidados, veem a minha mãe bater com as mãos no peito e vão atrás dela. O frio é pior na área de serviço, o inverno começa aqui, o frio repousa nos azulejos, e é como uma Rússia, enrolada num manto vermelho escuro preso com alfinetes de segurança ou os dedos roxos, as garras que perfuram o tecido e cravam firme no pescoço. À noite, atravesso a área de serviço correndo nas pontas dos pés para chegar até o banheiro, me sento tão para trás no assento do vaso que os meus pés não tocam o piso de azulejos. A água da torneira nunca chega a ficar quente, na volta seco minhas mãos com a toalha mais próxima da porta. Forço-me a voltar devagar; os ombros forçosamente caídos. Nunca dou a descarga à noite, pois não aguento ouvir a caixa da descarga esvaziando; e não importa quantas lâmpadas a gente acenda e deixe brilhar às nossas costas, não importa o quanto a gente esbanje nisso, a nossa casa fica escura o mês de novembro inteiro, dezembro inteiro,

janeiro inteiro, fevereiro inteiro e março, bem entrado o mês de março também. Acho que a minha mãe nunca consegue ficar sossegada. Mais tarde, naquele mesmo outono, ela se empolga e me confessa uma coisa. Subimos na direção de Stabelhøjen<sup>8</sup> atrás da residência pastoral e da igreja, nos sentamos lá com nossas calças impermeáveis azuis, a dela curta demais, a minha comprida demais. As árvores pingam no bosque cultivado e nas bétulas silvestres. Tudo o que ela deixou de fazer, não que ela se arrependa de ter tido a gente, mas mesmo assim. Ela contempla a paisagem lá fora, Ebeltoft,<sup>9</sup> Helgenæs,<sup>10</sup> Skødshoved.<sup>11</sup> Ela suspira e pega a minha mão, como que achando que sou eu que preciso de consolo pelo que ela acaba de confessar.

A MINHA AVÓ MATERNA É DE HERNING,<sup>12</sup> ela só quer saber de falar das urzes, a igreja deve estar cheia de urzes quando a sepultarmos. Ela é a pessoa mais generosa, deu tudo o que tinha, coisa por coisa. A tigela de cristal desaparece. O jogo americano, os castiçais, as passas de uva, o saquinho da *delicatessen* com os figos secos, o vaso grande, os vasos de jacintos. As pinças de latão para apagar pavios de velas, pelo menos a metade dos doze porta-talheres bordados desaparecem; a toalha de mesa branca estava desaparecida quando quiseram usá-la no aniversário do Henrik em fevereiro. Em maio, ela dá ao irmão o presente de primeira comunhão da minha mãe. Ele está precisado. Mil, trezentas e setenta e cinco coroas dinamarquesas.<sup>13</sup> É difícil, a minha mãe diz, repreender alguém por querer o melhor para os outros.

A minha avó limpa a mesa da sala, estou sentada entre a minha mãe e a minha irmã mais nova, segurando as xícaras de chá e os talheres do café da manhã nas mãos enquanto ela faz isso, depois ela volta a desaparecer da sala, vai num zás até a cozinha, com passinhos acelerados, as pernas roliças com meias de náilon, avante, avante, avante; e logo já volta outra vez, de volta até a mesa de jantar, encontrou um resto, quatro pãozinhos de canela. A minha mãe precisa sair, e a minha avó conta outra vez a respeito da Musse, do cavalo dela, como ele encontra o caminho de casa em meio à nevasca, com a carroça e a família inteira; ao amanhecer, ao puxar o toldo para o lado, eles viram o jardim, o estábulo e a porta do estábulo, que por pouco não foi arrancado pela ventania. A minha avó dá um último aperto na minha mão, ela quer ir embora já, e com os três passos atravessa o átrio, eu perco exatamente três litros de ar, um litro por vez; com a batida da porta de entrada, os meus pulmões afundam e jazem como uma fantasia de anjo guardada numa caixa plana e escura no porão no finzinho de dezembro.

Eu sei que os cavalos são ótimos em encontrar o caminho de volta para casa.

A minha avó apaga as luzes, acende a lareira, escancara uma janela, seca a testa com um lenço de tecido de bolso, e finalmente nos deitamos nos colchões de espuma e esperamos.

Não importa de quão longe eles venham, por quais trilhas, os vários dias, toda uma viagem de longa distância, atravessando riachos, eles são capazes de encontrar o caminho de volta e afinal voltam para casa, se mantêm em movimento feito as ondas, o tempo todo de volta, cartas que finalmente chegam ao destino.

A minha avó se curva sobre a gente, nos dá beijos; ela tem um cheiro adocicado e exótico, deixa a porta aberta, os beijos dela esfriam nas nossas bochechas.

SÁBADO DE MANHÃ O MEU PAI ASSA DOIS PÃES REDONDOS, faz seis cortes formando uma grade sobre eles, beberica uma Faxe Fad<sup>14</sup> que carrega para cima e para baixo na cozinha atrás do sal, atrás do azeite de oliva; a garrafa é roliça feito braço de criança, tem a mesma cor ferruginosa, a mesma cor âmbar dos vidros de remédio quebrados que desenterramos na pedreira vizinha à propriedade. É possível que ele tenha farinha nos cabelos, nas sobrancelhas, ela se acumula como uma renda branca surrada em volta da garrafa quando ele finalmente a pega. Vejo como ele despeja a massa na batedeira Ballerup<sup>15</sup> cor de creme, vejo a massa girando na tigela de aço inox, como se espicha em volta das pás misturadoras no centro como um animal se movendo desajeitado na primavera com a cerviz encurvada campo afora; a massa fica cada vez mais maleável, os fios ficam cada vez mais espichados, logo parecem uma corda desfiada, as fibras ficam úmidas e maleáveis, se soltam e parecem assim a água correndo em volta das pedras na fonte de Helligkilde,<sup>16</sup> exatamente a paisagem daquele lugar, a curva que faz a canhada entre a colina Trehøje<sup>17</sup> de um lado e Tinghulen do outro, aquela torrente na paisagem que se concentra no olho formado pela fonte. Ele inclina a tigela, e entre o instante em que vê a massa escorrendo pelas paredes da tigela até alcançar o tampo da mesa, ele consegue imaginar os dois pães de centeio já prontos no forno, consegue imaginá-los sendo cortados em fatias grossas, imaginar as fatias sendo besuntadas com a manteiga dourada e submergidas na sopa de tomate caseira, totalmente caseira. Vejo como ele trabalha a massa com as suas mãos secas, enfarinhadas, que parecem empurrar convictas a massa para longe do abdômen dele, como uma mãe que empurra o filho de três anos na direção de um exército de crianças desconhecidas no estacionamento da estação de ônibus; e a massa ricocheteia como a maré na direção da barriga do meu pai com uma saudade magnética. Até

que finalmente o meu pai ergue a massa, arremessa-a uma ou duas vezes no tampo da mesa, sovando-a, como ele costuma dizer, e os golpes deixam uma ressonância oca, com um anel de crescimento num tronco de árvore, um sino acolchoado, aquela massa que lembra um seio. Sento-me à mesa; a superfície do vinagre de vinho, o azeite de oliva sobre a mesa, as árvores lá fora tremem, e as garrafas se agitam, pequenos círculos de luz correm ao centro, de onde são sugados e submergem, como olhos que só sabem se fechar. Ele me passa a espátula e eu a seguro enquanto ele polvilha farinha de centeio peneirada sobre a massa que jaz como uma gema de ovo sobre um montinho de farinha, vejo ele esparramar a farinha sobre a massa, trabalhando-a até que ela volta a ficar brilhosa; ou, eu a seguro enquanto ele acende o forno, remove a grelha e a coloca no chão, escorada no armarinho de quina acima da comida do gato; ou enquanto ele pega o telefone, orienta um paciente a colocar gelo na região lombar das costas, ervilhas congeladas enroladas num pano de prato umedecido, quinze minutos de cada vez. Mais do que isso a pele não aguenta, ele diz.

Os pães são deixados para crescer sobre o aparador ao lado do fogão a lenha, cobertos com panos de prato umedecidos. Ele diz gritando que eu é para eu observar como eles crescem, como isso é uma beleza, como eles parecem bufas-de-lobo.<sup>18</sup> Ele não sabe, mas a voz dele se transforma num sussurro. É quando ele retira os panos com cautela, me puxa para perto de si, e o ar está denso, mais carregado agora, como numa barraca numa manhã de verão, um quarto de copo de suco de sabugo quente, sons e luzes compactados numa coisa só, o sol que comprime a lona da barraca em torno da gente feito um gorro justo. E tudo isso é triste, quase insuportavelmente melancólico. Porque é sábado. Porque há apenas aqueles dois pães e fora isso toda a exaustão; as semanas, porque não há fim algum nisso.

Ele é uma cabeça de gado vacuum explorado em excesso.

A responsabilidade que ele carrega, o dever de ajudar às pessoas o tempo todo, a gratidão infinita das pessoas, uma garrafa de vinho tinto atrás da outra; e também todas as descomposturas.

Tudo aquilo que ele desleixa aqui em casa.

O meu pai tira de um dos bolsos da calça um punhado de tiras de papel amarelas e lustrosas, quadriculadas e pautadas, desamassa-as e as empilha direitinho, me explica que o capricho faz tanta diferença, ser uma pessoa *caprichosa*. A minha irmã mais velha observa com interesse, o olho esquerdo dela pendendo um pouco, igual como uma persiana pode pender quando puxada ou erguida um pouco de través, é sinal de que ela está concentrada, e ela entra na conversa, recordando ao nosso pai de que é na saúde pública que ele trabalha, um *sistema*, como ela diz, um ente, eu penso; ela diz convicta que há outros a quem recorrer, que as pessoas não jazem nos degraus em frente à nossa casa. Eu os imagino, com os braços estendidos na direção da porta, com os joelhos curvados. Ela recolhe o prato da minha irmã mais nova, coloca-o na lava-louças; num movimento contínuo, ela limpa a mesa e recolhe seus cabelos grossos e claros num rabo de cavalo com a mão que estava livre.

É UM MAR DE JOIAS, brincos em cestinhos, um porta-joias africano de madeira pintado em cores terrosas, e nele uma infinidade de gavetinhas, câmaras e cavidades entalhadas; como mais tarde uma caixa de espadas no circo, numa noite de junho na praça Festpladsen,<sup>19</sup> cavidades como estocadas atravessando a caixa. Ali é onde a minha mãe esconde seus colares de pérolas; brincos, broches, pulseiras de pérolas, naquele porta-joias pintado que cheira a pó de casas baixas, pó do oriente, madeira seca da China pintada, madeira do Japão empoeirada, madeira do oriente com suas cáfilas, as caravanas, possíveis artérias do oriente de fio a pavio pelo território da precisão, da exatidão. Abro a gavetinha mais baixa, dou uma espiada até a porta do quarto. Sei que ela considera o porta-joias na cômoda, da gavetinha mais alta à mais baixa, como algo que pertence somente a ela, o seu espaço exclusivo; ouço o suspiro dela no quarto, ela está entregue a um ritmo estranho.

Tiro uma das gavetinhas mais altas do porta-joias, depois outra. Puxo as três gavetinhas maiores totalmente para fora do porta-joias, enfileiro-as sobre a cômoda embaixo da parede inclinada. As pérolas reluzem com a luz vinda da janela, no anel com aquela pedra enorme e chata, a ametista oval, como ela diz; nele as nuvens se refletem, a encosta. Continuo retirando as gavetinhas, uma atrás da outra, e há sempre mais uma gavetinha, mais outra, até que o porta-joias termina como um esqueleto, um edifício incendiado nos subúrbios de uma cidade, uma ferida enorme e aberta, andaimos surrados.

Estou obcecada com as gavetinhas, dou uma mordida numa maçã e deixo a mordida suspensa num naco de casca da fruta; corto por baixo aquele naco de maçã, deixando um espaço ali, volto a fechar a maçã novamente, quase nem se nota aquelas uma ou duas marcas dos meus dentes, fendas abertas na terra com um dedo num campo recém arado, não além disso simplesmente.

*QUANDO CRIANÇA, A MINHA AVÓ PASSOU POR TRÊS ROUBOS*; uma dessas coisas que nunca entendi completamente, mas de que no entanto jamais duvidei. De que os roubos tinham sido reais e aconteceram. Ela está sentada às minhas costas, na cadeira de ráfia que encontramos escondida atrás das bicicletas no galpão, a instalamos para ela no jardim de outono. As folhas gotejam, choveu de novo no final da manhã, mas agora as nuvens já se dispersaram, o céu encoberto se rompeu, se descortinou, podemos enxergar o céu lá no alto. Assim ela empurra a mim e a minha irmã mais nova no balanço do jardim, e é ali onde ela nos conta essas histórias. Que esse tipo de coisa pode acontecer, de um carreta tombar em cima de um adulto, de uma barragem ser levada pela chuvarada e um mar invadir o jardim, cada canteiro, um carrinho de mão, cada cebola arrancada pela correnteza, de um golpe só.

A minha irmã mais nova olha arregalada.

Vinha chovendo há vários dias, e ela imagina que algo como aquilo estava para acontecer. Como é preciso reforçar os caixilhos das portas da nossa casa para afinal de contas, com o tempo, ceder à força da água, que a nossa horta será sugada, o buraco atrás da faia nivelado, exatamente como tudo que havia sido arrancado pela chuvarada, tudo o que fora destruído pela enchente de outrora, roubado das mãos da minha avó, esmagado debaixo de um vagão. Naquele outono, ela conta, a chuva simplesmente não parava, caía sem parar, com a constância sonolenta e ruminante do gado leiteiro, uma calmaria exasperante. O casaco encharcado da minha avó materna nunca chega a ficar totalmente seco, pois queremos ir mais uma vez até o jardim, não consigo esquecer aquela saraivada de pérolas no telhado que escutamos já entrada a noite, quando a minha avó finalmente não aguenta mais e cai no sono.

A MINHA IRMÃ MAIS NOVA SÓ QUER SABER DE COMER COMPOTA DE MORANGOS, ela contrai os lábios e está quase transparente de tão pálida, quase verde, há tanta coisa que ela não quer fazer, há tanta teimosia nela. Ela não quer ser vacinada, não quer fazer exame de sangue, não come o que nós, os outros, comemos, não fica sentada no seu lugar, não dorme, não vê sensatez em dormir, não caminha nem quer que a peguem no colo; ela se transforma num galho que não quebra mas sim se dobra maleável feito polegar na palma da mão, um dançarino que contorce o corpo em frente ao espelho, colocando as mãos espalmadas no chão à frente dos pés esbeltíssimos atados, uma peça de pão de centeio partindo-se ao meio — assim é a cintura dela — comprimida. Ela balança os pés. Ela só quer comer compota de morangos, e somente compota de morangos industrial, aquela que vem embalada em saquinhos metalizados dentro de uma caixinha de papelão.

A nossa esperança é que ela logo fique cansada disso. Que isso passe por si só, que a poeira baixe, que ela amadureça, como a terra entre as rosas um dia encobre e sufoca a erva daninha, tornando-se uma manto delicado sobre a terra.

O leite pinga da colher no prato dela; o leite escorre do queixo dela até a mesa, depois escorre pela toalha de mesa encerada até cair gota por gota no chão. Uma gota desastrada atinge as sandálias, outra é absorvida pela meia de meio cano branca que ela vestia; o resto, gota por gota, cai no piso da cozinha. As pernas dela se agitam de um lado para outro ou ficam totalmente imóveis.

DESENHO UM QUADRADO NA AREIA COM UM DOS PÉS. Sento-me na minha toalha, observo o meu quadrado. A depressão na areia se transforma num fosso sem água, uma língua côncava enrolada na boca formando um tubo. As formigas caem pelas beiradas, voltam a subir se arrastando pelas beiradas, infatigáveis, ali mantidas pelo sol com seus corpos esturricados de sol, reluzentes, lustrosos, infladas pelo sangue quente. Elas atravessam o qua-

drado, o cenário formado pelo quadrado na areia, e aquilo é toda uma viagem para elas, uma paisagem impraticável para elas. Os rostos não são paisagens, as sobancelhas não estão desinquietas, não são acidentes geográficos, nem limiares de matas, nem marcos de fronteira com relva seca e alta entre pedras e árvores. Quando como com os dedos, não sou um bicho, não me pareço com um bicho. Sou um ser humano que come com os dedos. É isso que pareço.

A gente pode cantar, um coro pode cantar, e o canto preencher o quarto, o quadrado, do teto até a parede, da parede até a cama até que a noite chega, e de novo tudo fica sossegado. No quarto, da mesma forma que na rua lá fora, no parque desguelhado com lampiões como olhos revoltos, poderiam estar cegos. O quadrado exíguo é encontrado oito vezes na casa, enfadonhamente repetido; vários outros quadrados são encontrados ao longo do litoral, são encontrados nas cidades, empilhados, aos montes, paisagens formadas por eles. Leio mais tarde que levamos em nosso rosto tudo aquilo que retiramos de sua querência, do *seu rincão*. Me inclino à frente e fico fitando a areia até que os grãos de areia sobem bem diante dos meus olhos e desvanecem com uma frieza febril como a das cores alucinadas do céu crepuscular, em cortinas largas sobre a enseada. As centenas de quadrados — os quadrados do litoral, os quadrados da cidade, os quadrados que pertencem à areia — são as reservas, os quadrados são os jardins americanos na Austrália, os jardins ingleses na Índia. Esses quadrados são todas as pulsações que transbordam, os selos que descolam; os jardins de rosas das colônias que úmidas se insinuam na natureza. Cada um dos quadrados são flores que hão de crescer para baixo, rumo à própria raiz. Toda a água que há de ser preciso buscar. E a sombra que há de se criar na amplidão chamuscada; é um esbanjamento, esse cenário. Haviam de ser rosas; e logo elas aparecem naqueles quadrados,

são como um reflexo sobre a pele que se torna desbotada feito vestidos de linho, cortinas de algodão surradas, fronhas puídas.

Querência é o lugar onde os quadrados são desenhados na areia diante dos olhos, é um espaço para se agarrar firme, um frêmito para baixo num dos cantos da boca que não se nega a entregar os pontos e escapa mas se aperta com força, umas botas de borracha de cano alto na lama atrás da cerca-viva de feno; a paciência que as mandíbulas têm, sempre tão perseverantes; a querência também o é, o rincão.